

A CONDIÇÃO DA MULHER NO ENSINO DE GEOGRAFIA: DISCUTINDO SEU PAPEL DENTRO DAS PROPOSTAS CURRICULARES

Raquel Karolyne Moreira de Souza¹
Joana d'Arc Araújo Ferreira²

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher, bem como seu papel e importância na sociedade, por muitos anos, foi vista como um tabu presente desde a antiguidade e, talvez por isso, sua discussão tenha sido ignorada durante séculos. Esta situação se encontra justificada por pressupostos biológicos duvidosos, mas infelizmente comuns, que apontam a mulher como um ser mais frágil, de menor força física e capacidade racional que, por sua própria natureza doméstica tem tendência a ser dominada, pois necessita de alguém para protegê-la e orientá-la.

É sabido que o machismo foi e continua sendo um mal impregnado na cultura brasileira, situação que, lamentavelmente, carrega ao longo da história trágicos momentos que inferiorizam as mulheres, ainda vistas como sexo frágil por muitos, e incapazes de desenvolver certas atividades e funções. Um grande exemplo disso, percebemos quando observamos os atuais dados no que diz respeito a comparação da renda entre homens e mulheres que exercem a mesma função no Brasil.

E nessa perspectiva, observamos que os atuais livros didáticos elaborados de acordo com as exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), incluem esta temática em diversas situações no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade como chefe de família, desigualdade nos rendimentos, preconceito contra o trabalho da mulher, dentre outras situações. Porém, percebemos que o quadro teórico presente nestes materiais didáticos, em suma, vem de modo resumido e sem aprofundamentos necessários, resultando então, na baixa influência do assunto na construção moral destes alunos.

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, raquel.moreira.3107@gmail.com;

² Professora Doutora do Departamento de Geografia/UEPB - PB, joanaarcn@yahoo.com.br;

Partindo deste pressuposto, esta pesquisa busca identificar a Geografia como ciência que traz uma discussão de gênero pautada na luta, conflitos e conquistas de direitos das mulheres. O trabalho irá mostrar as atividades desenvolvidas com uma turma de 7º ano do ensino fundamental, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Judith Barbosa de Paula, onde foi aplicado durante o ano letivo, atividades com propostas de intensificar e conscientizar os alunos sobre a importância da temática sobre a mulher na sociedade.

METODOLOGIA

Pesquisa colaborativa que foi desenvolvida a partir de intervenções didático-pedagógicas, iniciadas a partir da análise do livro didático de Geografia trabalhado com a turma do 7º ano do programa de Residência Pedagogia, onde observamos como a temática “mulher” é presente no currículo da série, porém, de forma superficial, sem um suficiente aprofundamento.

E como forma intervenção para intensificar os estudos do assunto, dividimos a sala em cinco grupos, onde cada um ficou responsável por, ao longo do bimestre, montar uma pesquisa de dados quantitativos com informações sobre renda, escolaridade, PEA, feminicídio, quantidade de filhos e, número de mulheres como chefe de família de acordo com cada região do Brasil, visto que, os posteriores assuntos abordados no livro faz estudos das regiões brasileiras.

Além disso, realizamos palestras sobre a temática com auxílio de slides como recurso metodológico para que eles pudessem através de imagens, aproximar-se de uma realidade que choca quem se propõe a fazer análise dos dados. Elaboramos também uma aula especialmente voltada pra questão da violência contra a mulher, visto que, no último dia 07 de agosto de 2019, a lei Maria da Penha que é a responsável por punir e prevenir a violência contra a mulher, completou 13 ano de sua existência

Ao fim das discussões em sala, fizemos exposições de cartazes produzidos pelos próprios alunos, como forma de expandir as informações dos dados coletados sobre cada região do Brasil. A atividade possibilitou que todos da turma tivessem acesso a dados de todas as

regiões, bem como foi uma forma de manter viva a discussão da temática durante praticamente todo o ano letivo.

E para coleta dos resultados e mensuração da importância que o investimento na temática trouxe para a turma, solicitamos produções textuais, onde os alunos puderam expor suas idéias, sentimentos e contribuição que as aulas temáticas agregaram na construção do conhecimento, que posteriormente servirão de diagnóstico dos resultados esperados desta pesquisa.

BASE TEÓRICA

Embora a turma de 7º ano esteja voltada pra faixa etária de 12 a 14 anos onde são acobertados judicialmente por leis da infância e juventude, observamos uma imensa necessidade de se trabalhar a história da mulher nessa fase. De acordo com a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, é neste período que se propicia a formação de caráter e princípios morais, pois, é a fase em que eles irão estar mais perceptíveis a problemas sociais, bem como alguns já estão inclusive vivendo as primeiras descobertas de namoro.

Partindo da realidade concreta, observamos a necessidade de aprofundamento da temática, para que eles possam ter conhecimento sobre o que é um relacionamento abusivo, e principalmente para que os meninos tomem consciência do quanto violência contra a mulher é prejudicial, além de ser crime.

A Geografia escolar transforma o debate sobre gênero em um assunto bastante didático, garantindo uma conscientização dos alunos em relação ao papel da mulher na sociedade, fazendo uso da multidisciplinaridade da disciplina. E no que confere a educação, ela não é uma função exclusiva da família, a escola desempenha um papel social muito forte na vida das crianças, e se por um momento um problema como o feminicídio passa a ser de ordem pública, é dever da escola sim, exercer esse papel de conscientizar e educar acerca do assunto. Sobre esta questão Puntel (2007, p. 285) põe em relevo que

A Geografia como disciplina escolar, tem como objetivo contribuir para a formação integral dos educandos. O papel dessa área do conhecimento é refletir, compreender, observar, interpretar e saber pensar o espaço geográfico, que é um produto histórico, que revela as práticas sociais das pessoas que nele convivem.

Culturalmente, a mulher sempre foi referenciada como figura sociológica cuidadora, que deve ficar em casa assumindo as tarefas domésticas, cuidando dos filhos, que dá carinho, ajuda, que é mais sensível. Tanto que se for feito uma análise das profissões que tem um perfil que exige cuidados, como enfermeiros, professores de educação infantil e psicólogo, por exemplo, a quantidade de mulheres é muito superior a masculina. Isto deixa claro a identidade que se construiu de que a mulher não possui as mesmas habilidades para cargos de chefia e liderança. Outro exemplo, encontramos na política brasileira, um país com 194 anos de independência, mas que teve apenas uma mulher assumindo o cargo presidencial em sua história.

Nas palavras de Saffioti

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI,1987, p.8).

Historicamente, a caracterização da mulher tem sido norteado em pressupostos de ordem biológicas e sociais, e isto tem sido um dos fatores que contribuíram para a desigualdade de gênero, que traz em sua base um desequilíbrio no discurso que pauta a valorização de um sexo sobre o outro. O autor supracitado reitera que “rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída” (SAFFIOTI,1987, p.10).

Isso quer dizer que, há uma construção, ainda existem famílias que alimentam este sentimento de superioridade masculina na educação de seus filhos e esta será refletida na rua, na escola, na futura vida social. E pouco se tem proveito uma punição depois que um crime seja cometido, precisamos lutar para arrancar este problema que vem perpassando gerações. Famílias, religiões, escolas e afins, devem se unir e garantir que a construção do entendimento das crianças sejam enraizados no sentimento de igualdade, respeito e liberdade de gênero. Ainda concordando com Saffioti, a

Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio (SAFFIOTI,2001, p.115).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na experiência da aula, foi possível perceber o quanto a falta de informações e orientações ainda predomina na educação das crianças. Esta afirmação se dá, pelo fato de termos ouvido alguns comentários extremamente machistas vindo das próprias alunas, do tipo: *“mas professora, geralmente a mulher apanha porque fala alguma coisa que o homem não gosta, não é?”* Comentários comuns que são espelho da educação machista, como se alguém tivesse direito de te agredir, simplesmente por você ser mulher, e sabemos que nada justifica a violência.

Também foi possível ouvir relatos de crianças que já viveram esta situação de violência dentro de suas casas. Uma inclusive, está atualmente com ordem judicial em que o pai não pode se aproximar dela, nem da mãe. E não pouco comum, estas crianças lidam com essas situações, sem ter noção do porquê, nem como vivenciar a violência dentro de casa sem ficar com traumas (se é que isto seja possível), mas só em ter consciência do que está passando, saber identificar o tipo de violência e de como pedir ajuda já é um passo enorme que estaremos dando enquanto escola. E são por estes dados encontrados dentro da sala de aula, que reforço a importância e necessidade de não deixar passar despercebido os estudos sobre os direitos e conquistas das mulheres.

Alguns meses após a primeira discussão da temática com os alunos, notamos de forma significativa, uma mudança no comportamento dos meninos para com as meninas durante as aulas, e isto por si, já torna o desenvolvimento desde trabalho válido. Também percebemos através dos textos por eles produzidos, o quanto a discussão para o entendimento da importância da temática foi oportuno, pois remete pensamentos coerentes e esclarecidos sobre os direitos das mulheres. Já no desenvolvimento da pesquisa sobre a condição social das mulheres de acordo com cada região brasileira, os resultados perpassaram as expectativas, pois através dos dados encontrados, foi possível agregar explicações de outras temáticas. Além disso, a atividade proposta, possibilitou que mantivéssemos a discussão durante todo o ano letivo, pois as apresentações ocorreram dentro dos estudos de cada região n decorrer do ano letivo.

Reiteramos as palavras iniciais que dão como objetivo desta intervenção, buscar soluções em estágios o mais amplo possível, que venha ajudar no crescimento de futuros adultos

consciente e responsáveis sobre o respeito e a igualdade de gênero, o que não torna esta atividade uma doutrinação, mas uma luta por uma sociedade mais justa com as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as discussões abordadas nessa pesquisa, ficou comprovada a necessidade e a legitimidade de se trabalhar esta temática, pois, faz parte da realidade de muitas crianças, principalmente as que estão em situações de vulnerabilidade social. Estamos cientes dos desafios, há um longo caminho de lutas a percorrer para que possamos finalmente coibir o machismo culturalmente difundido no nosso país. E isto não é ideologia, não é doutrinação, é saúde pública! Porque a partir do momento que um problema social põe em risco a vida de terceiros, não é mais dever apenas da família intervir, ele passa a ser de interesse do estado, e consequentemente da escola.

Temos clareza que as atividades desenvolvidas nesta pesquisa, não possuem um caráter de total relevância no tocante da complexidade da temática que merece um maior aprofundamento de propostas de intervenção por parte da escola, porém, concluímos a intervenção com uma amostragem significativamente positiva quanto aos objetivos iniciais e resultados esperados de imediato. Onde temos um diagnóstico dos resultados que comprovam a validade da intervenção, visto que, foi possível perceber através da produção textual dos alunos, um amadurecimento a cerca do respeito, igualdade e necessidade de banir o comportamento machista da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Norma técnica de padronização: Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher** – DEAMs. Brasília: Ministério da Justiça. Presidência da República, 2006.

PUNTEL, Geovane Aparecida. **A Paisagem no ensino da Geografia**. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/download/130/85>>. Acesso 28 de out. de 2015

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos pagu, n. 16, p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. Editora Moderna, 1987.